

05 DEZ 1981

JORNAL DO BRASIL

RECRIAÇÃO DO ESPAÇO E DO TEMPO REGIONAIS

(A propósito da edição portuguesa de "Norte das Águas")

Antonio Alcada Baptista

ESCREVER sobre um livro de José Sarney impõe que se estabeleça uma separação clara entre aquele que foi deputado federal, governador do Maranhão, senador e presidente da Arena e que, atualmente, lidera o Partido Democrático Social, e o escritor José Sarney, membro da Academia Brasileira de Letras. Porque a tentação existe para o melhor e para o pior: para que os seus correligionários digam que ele é um grande escritor, para que os seus adversários digam que é um mau escritor e para que os indiferentes façam comparações entre o escritor e o político.

Ora, é necessário vincar, sem nenhuma ambigüidade, que estamos perante um grande escritor que o seria de qualquer modo, independentemente duma carreira política boa ou má, e, nessa matéria, talvez haja que lamentar o prejuízo que a literatura de expressão portuguesa tem vindo a sofrer pelo fato de José Sarney se lhe não dedicar o tempo inteiro.

Já que estou em maré de afastar tentações convém afastar uma outra: a de ligar demasiadamente a escrita de Sarney à de Guimarães Rosa, porque, nestas coisas de literatura, a pressa é má conselheira. A verdade é que, desde que o gênio de Guimarães Rosa trouxe, à literatura dita regional, uma nova dimensão — não exatamente e tão-só uma dimensão universal, mas a própria reformulação do que pode haver de essencial dos ritmos imediatos e vitalistas da espécie humana — desde que isso aconteceu, dizia, é difícil separar qualquer texto, que escape à pobreza da literatura regionalista tradicional, da lição e da mensagem roseana, quase sempre em termos de sobreposição ou seguidismo fácil. Nada de mais injusto em relação à escrita de Sarney, que em certa medida faz exatamente o contrário de Rosa. Neste, o tecido do tempo e do espaço regionais funciona como pretexto para a recriação da linguagem que, como bem refere Luci Teixeira, é, em Guimarães Rosa, o grande personagem. Em Sarney, a linguagem funciona como instrumento da recriação do tempo e do espaço regionais que são, em Sarney, os verdadeiros personagens da sua obra.

Creio que os escritores que se preocupam com o levantamento do tecido "irracional" duma comunidade estão prestando aos nossos vindouros um serviço inestimável. Quando o "buldozzer" da racionalidade econômica ou da re-

volucionária, ou os dois conjuntamente, retalharem e destruírem irremediavelmente o tecido que foi o espaço e o tempo do povo, como poderemos reconhecer, não já com ignorância mas com sabedoria — com a doura ignorância — o que somos, a fim de podermos reaprender e retomar os ritmos primordiais da vida?

Exatamente, não sei, mas julgo que talvez a literatura seja então o único documento através do qual, não por puro deleite mas por necessidade de sobrevivência, nos possamos aproximar da decifração desse enigma.

Seguindo a franqueza do exemplo direi que, é possível admitir que um dia a expressão visível da sociedade portuguesa como comunidade possa desaparecer. Como comunidade que vive e res-

Arquivo/1981



Sarney: a discreta aparição do político na literatura

pira num determinado tecido onde é possível reconhecer uma específica e intransmissível identidade que se exprime por liturgias próprias, que nos comunicam as alegrias, as dores e o fantástico poder do sentimento. Nesse contexto a língua contém a forma da presença duma história que avança por um destino temporal, que não é possível imaginar senão através dos símbolos e dos sentimentos que nos revelam a existência subterrânea de textos sagrados e poéticos e de tudo o mais que representa a "ecologia" profunda da alma no meio ambiente que, através das circunstâncias da história, pacientemente descobriu adequado. Se um dia for definitivamente quebrada essa espécie de movimento que segura uma hereditariedade e a projeta numa espiritualidade — que é a expressão do nosso encontro coletivo — julgo que, através da escrita de Camilo Castelo Branco, será possível refazer os traços desse dinossauro revelador da nossa ancestralidade e reencontramos nele as nossas origens e as matrizes primeiras na nossa vivência/convivência coletiva.

Afigura-se-me que a expressão literária de José Sarney se coloca exatamente aí: o escritor que guarda da cultura cultivada quase só a aprendizagem da

escrita e o uso da caneta e que é capaz de encarnar o medium revelador desse tecido do tempo e do espaço que os nossos humores, quase puramente vitais, construíram para os fixar num texto que funciona quase como o gravador do etnólogo que colhe da boca dos moribundos os últimos cantares que acompanharam a solenidade dos dias fastos e nefastos comunitariamente vividos.

Esse milagre de reincarnação consegue-o Sarney duma forma exemplar, colocando, entre a sua escrita e a do "escritor regionalista", a vala abissal que separa a festa do folclore, isto é, a vida do espetáculo ou, mais propriamente, o sofrido do espectador, ou ainda, o possesso do ator.

Esta metamorfose, este "pegar de santo" que já seria de admirar num escritor comum, atinge uma transfiguração radical em relação ao Sarney político, porque o político é, por natureza, insensível a esta realidade profunda, e por essa razão se tornou o seu inimigo principal: o político quer a "tábua rasa", quer a página em branco onde possa escrever o sistema simplificador e redutor que construiu dentro da sua cabeça, inacessível à sutileza da complexidade, da particularidade e do instante.

Como é que Sarney resolve este caso de dupla e oposta personalidade é um fenómeno que ele nos poderia explicar se quisesse, se possível em documento literário que muito nos ajudaria a compreender a imensa diversidade do bicho homem na sua peregrinação pela história.

Resta-me acrescentar que, não obstante este milagre de transfiguração no último período do "Brejal dos Guajás" o político aparece neste livro com a descrição com que Hitchcock fazia questão de comparecer em carne e osso em todos os seus filmes: "Javali e Guiné continuaram suas brigas noutras oportunidades, comprando o babaçu e o arroz pelo preço combinado, e o povo do Brejal feliz: oitenta por cento de tracoma, sessenta de boba, cem por cento de verminose, oitenta e sete de analfabetos, mas feliz, ouvindo a valsa do Brejal, Brejal dos Guajajaras".

Em nome duma comunidade em agonia que os políticos têm ajudado a destruir com a crueldade dos seus esquemas simplificadores e redutores atrevo-me a desejar que o escritor José Sarney faça igualmente na vida política as suas aparições, se possível mais frequentes e mais demoradas que as de Hitchcock nos seus filmes. Talvez isso possa contribuir para que haja uma outra bem diferente relação entre uma política e uma comunidade. Porque é possível que o mundo, mais do que ser transformado, tenha necessidade de quem, como o escritor José Sarney, tão bem o compreenda e o respeite.

Antonio Alcada Baptista, autor de vários livros de ensaios, é diretor do Instituto Nacional do Livro de Portugal.